

O AMOR ENTRE MULHERES NEGRAS É UM ATO REVOLUCIONÁRIO: (RE)EXISTÊNCIAS LESBOAFETIVAS E SUBVERSÃO À HETERONORMA EM “BEIJO NA FACE”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Love Between Black Women Is A Revolutionary Act: Lesboffective (Re)existences and Subversion to Heteronorm in the short story “Beijo na face”, by Conceição Evaristo

DOI: 10.14393/LL63-v38-2022-13

Amanda Nunes do Amaral*
Flávio Pereira Camargo**

RESUMO: Assim como o sexismo e o racismo são experimentados de diferentes formas e em diferentes níveis de intensidade pelas mulheres negras em relação às mulheres brancas e aos homens negros, também a LGBT+fobia terá uma configuração diferente quando enfrentada pela mulher negra. Como nos ensina Glória Anzaldúa (2000, p. 229): “A lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe”. Em “Beijo na face”, conto presente na obra *Olhos d’água* (2016), Conceição Evaristo nos fornece meios para refletir sobre as rupturas que um corpo negro feminino promove no sistema social brancocêntrico e heteronormativo, quando, além de não se submeter ao discurso hegemônico no âmbito étnico-racial, também não o faz no âmbito da afetividade e da sexualidade. O campo semântico do conto é constantemente atravessado pela metaforização de um amor genuíno, em sua simbiose com a dor da interdição. Um amor que é, antes de tudo, um gesto de insubmissão.

PALAVRAS-CHAVE: Beijo na face. Afetividade. Sexualidade. Mulheres negras. LGBT+fobia.

ABSTRACT: Just like sexism and racism are experienced in different ways and at different levels of intensity by black women compared to white women and black men, so will LGBT+phobia have a different configuration when faced by black women. As Gloria Anzaldúa teaches us (2000, p. 229): “The lesbian of color is not only invisible, she doesn't exist”. In “Beijo na face”, a short story featured in the literary work *Olhos d’água* (2016), Conceição Evaristo provides us with the means to reflect on the ruptures that a black female body promotes in the white-centric and heteronormative social system, as it does not submit to the hegemonic discourse in neither the ethnic-racial sphere nor the affectivity and sexuality sphere. The semantic field of the short story is constantly crossed by the metaphorization of a genuine love, in its symbiosis with the pain of interdiction. A love that is, first of all, a gesture of insubordination.

KEYWORDS: Beijo na face. Affectivity. Sexuality. Black women. LGBT+phobia.

* Doutoranda em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás. ORCID: 0000-0001-7537-2683. E-mail: amanda.nunes.amaral(AT)hotmail.com

**Pós-doutor em Letras pela Universidad de San Andrés, UDESA, Argentina. Universidade Federal de Goiás. ORCID: 0000-0001-9116-2432. E-mail: flaviocamargo(AT)ufg.br

1 Introdução

Olhos d'água, publicado em 2014 pela editora Pallas e vencedor do prêmio Jabuti no ano seguinte, é uma coletânea de contos de autoria da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo. A obra reúne 15 contos, nos quais a autora concebe personagens diversas e profundas, subvertendo a lógica estereotipada e essencialista com a qual a literatura canônica veio tratando a temática da negritude ao longo do tempo e reconstruindo positivamente as identidades negras.

“Beijo na face”, conto presente na obra *Olhos d'água*, narra a história de Salinda, uma mulher negra que, vivendo no interior de um opressivo arranjo familiar tradicional, com marido e filhos, descobre, depois de doze anos de casada, o amor por outra mulher, também negra. O percurso de Salinda é traçado na corda bamba, marcado pela pungente tensão entre uma vida austera, de constante vigilância e ameaça, e uma vida leve e prazerosa, de gozos secretos e profundo amor. Neste conto, Conceição Evaristo nos fornece meios para refletir sobre as rupturas que um corpo negro feminino promove no sistema social brancocêntrico e heteronormativo, quando, além de não se submeter ao discurso hegemônico no âmbito étnico-racial, também não o faz no âmbito da afetividade e da sexualidade.

A narrativa é caracterizada por um forte contraste entre a violência que Salinda vivencia no casamento com um homem e a suavidade da relação amorosa que vive secretamente com outra mulher. Desde as primeiras linhas do conto, esse amor subversivo é descrito através de uma sensibilidade potente. Evaristo manuseia o tema do afeto entre mulheres com grande poeticidade, expressividade e uma sutileza aguçada. O campo semântico do texto é constantemente atravessado pela metaforização de um amor genuíno, em sua simbiose com a dor da interdição, conforme podemos constatar na seguinte passagem: “Sim, lá estava o vestígio de carinho. Algo tão tênue, como os restos de uma asa amarela, de uma borboleta-menina, que foi atropelada nos primeiros instantes de seu inaugural voo” (EVARISTO, 2016, p. 51). A imagem da borboleta atropelada nos remete a uma liberdade fragilizada, ameaçada. Os sentidos de desintegração da alegria da evolução e da transformação traduzem-se em sua asa amarela despedaçada.

Encarcerada em um ambiente matrimonial hostil, Salinda precisa se manter sempre alerta, buscando estratégias para se encontrar com a amada sem ser descoberta e para não

sucumbir à violência exercida pelo marido: “Salinda precisava embrutecer o corpo, os olhos, a voz. Estava sendo observada em todos os seus movimentos. A vigilância sobre os seus passos se pretendia, se possível, abarcar até seus pensamentos”. (EVARISTO, 2016, p. 52). O companheiro de Salinda é descrito como um homem extremamente controlador e possessivo. Desconfiado de que ela o traía, ele contratara detetives para segui-la. Não fosse para o trabalho, a esposa não tinha permissão para sair só. Sem saberem, até os próprios filhos de Salinda tinham se tornado seus vigias, sendo sempre convocados pelo pai a relatar detalhadamente os passeios que faziam com a mãe.

Com narração em terceira pessoa, os eventos do conto são resgatados pelas lembranças de Salinda enquanto espera, sozinha em casa, pela chegada do marido. Depois de ter deixado os filhos para passar as férias em Chã de Alegria, na casa de sua tia Vandu, a protagonista retorna ao seu lar. O marido não vai buscá-la na rodoviária, mas avisa que está na casa da mãe, deixando Salinda surpresa e satisfeita por finalmente ter, depois de tantos anos, a oportunidade de passar algum tempo sozinha. Enquanto desfaz as malas, Salinda vai reconstruindo, nas tramas da memória, o relacionamento com o marido.

Recorda-se de como o comportamento obsessivo do homem foi se tornando cada vez mais grave ao longo dos anos: “Aos poucos, as ameaças feitas pelo marido, as mais diversificadas e cruéis, foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a.” (EVARISTO, 2016, p. 53). Segundo Tânia Navarro Swain (2010), a naturalização da heterossexualidade constrói, em parte, o papel do feminino no dispositivo amoroso, de modo que “[o]s excessos cometidos na relação heterossexual aparecem como “naturais”, e aí estão as raízes do perdão, da aceitação e do assujeitamento a situações inenarráveis de abuso e de violência física e psicológica.” (SWAIN, 2010, p. 49).

Salinda recorda-se, ainda, do início do relacionamento, do homem que um dia fora seu primeiro amor adolescente e que, com o passar dos anos, havia se tornado agressivo, rude e autoritário. Ao longo do casamento, Salinda é perseguida e intimidada reiteradamente com os mesmos questionamentos: o que ela havia feito durante os anos de solteira na juventude; quem era o homem com quem tivera sua primeira filha. O marido assume a menina com apenas onze meses de vida, quando Salinda o aceita de volta e acaba se casando com ele. Atitude da qual, anos mais tarde, viria a se arrepender. Durante todo o casamento, a protagonista sujeita-

se ao abuso e à violência psicológica exercida pelo marido, práticas que, conforme vimos acima, são tomadas como “naturais” na relação heterossexual (SWAIN, 2010).

Tendo isto em vista, e considerando-se, pois, a carência de estudos relativos à literatura lésbica, sobretudo quando se trata de personagens lésbicas negras, este artigo tem por objetivo fazer uma análise do conto “Beijo na face”, de modo a conceber as vivências lesboafetivas e sexuais negras, presentes na narrativa, como formas revolucionárias de subversão à dominação brancocêntrica e heteronormativa, refletindo, assim, sobre a heterossexualidade compulsória atinente ao gênero.

Esta análise está fundamentada nas formulações teórico-críticas de Monique Wittig (2006), Eve Kosofsky Sedgwick (2007), Beatriz Nascimento (2006), Maria Amélia Telles e Mônica de Melo (2002), Adrienne Rich (2010), Tânia Navarro Swain (2010), Judith Butler (2019), Sueli Carneiro (2003), Grada Kilomba (2019), Lélia Gonzales (1984) e Glória Anzaldúa (2000).

2 Uma violência invisível: o lugar do amor na vida das mulheres negras

De acordo com Monique Wittig (2006), o modo sistêmico como estão organizadas as relações conjugais entre o homem e a mulher implicam o significado de que a mulher, enquanto indivíduo, pertence ao marido. Dessa forma, a autora argumenta que a dependência da mulher em relação ao marido faz subentender a norma de que não se deve intervir em situações de violência praticadas pelo homem contra a mulher. E tal norma é comumente assimilada pela polícia. Nesse sentido, Wittig (2006) explica que a mulher que se submete ao contrato do casamento não poderia ser considerada mais uma cidadã protegida pela lei, uma vez que no âmbito doméstico, a autoridade do Estado é substituída pela do marido.

No conto, a situação entre Salinda e o companheiro se agrava quando, cinco anos antes, ele desconfia de Salinda com um colega do trabalho, submetendo-a, a partir de então, a um cárcere doméstico. Com medo de romper o relacionamento, a protagonista busca estratégias para sobreviver, tentando se defender e proteger os filhos das frequentes ameaças do marido. Com isso, percebemos como a protagonista se encontra confinada em um quadro de violência psicológica, no qual é perseguida, vigiada, questionada e ameaçada constantemente. De acordo com Maria Amélia de Azevedo Telles e Mônica de Melo (2002), a violência psicológica utiliza-se justamente de intimidações e ameaças, e está relacionada a ações que objetivam

degradar, constranger, dominar e humilhar a outra pessoa, controlando seus comportamentos e decisões, e assim, coibindo o seu desenvolvimento pessoal. A violência psicológica se dá, aqui, no âmbito das relações de gênero e é, portanto, intrínseca à violência de gênero.

As autoras explicam que a violência de gênero deve ser compreendida como uma relação de poder na qual o homem exerce a dominação e a mulher sofre a submissão. Entendemos que são os papéis de gênero, reforçados pelo patriarcado, que atribuem aos homens, comportamentos agressivos e às mulheres, comportamentos servis. Conforme explicam as autoras, são esses papéis, construídos no processo de socialização das pessoas, que impulsionam as relações violentas entre os sexos.

Se as diferenciações de gênero já resultam em assassinatos e práticas de violência contra as mulheres, esse cenário é influenciado de modo ainda mais contundente pela variável racial. O racismo tem um grande impacto na violência contra a mulher. São as mulheres negras as que mais sofrem violência doméstica no Brasil e, também, as maiores vítimas de feminicídio do país. Segundo o mapa da violência de 2015¹, a taxa de assassinatos de mulheres negras aumentou 54,8% de 2003 a 2013, enquanto que o número de homicídios de mulheres brancas diminuiu em 9,6%, nesse mesmo período. Além disso, segundo dados do Atlas da violência (IPEA) de 2019², enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras teve um crescimento de 4,5% no período de 2007 a 2017, a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu 29,9%.

No que diz respeito à violência de gênero, Sueli Carneiro (2003) aponta que, para além da violência doméstica e sexual, que alcançam todas as classes e grupos raciais, as mulheres negras enfrentam ainda outra dimensão do problema; uma forma específica de violência, nas palavras da autora: uma violência “invisível”, que está relacionada à limitação do trânsito afetivo destas mulheres. De acordo com Carneiro, o predomínio da branquitude no imaginário social compromete uma representação positiva da mulher negra, impactando, consequentemente, a sua autoestima e o pleno exercício de sua sexualidade.

¹WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: FLASCO Brasil, 2015. Disponível em http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: 18 ago. 2020.

²IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência**. Brasília: IPEA, 2019. Disponível em https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf. Acesso em: 18 ago. 2020.

Segundo Beatriz Nascimento (2006, p. 129), as possibilidades afetivas da mulher negra ficam restritas “[e]m uma sociedade plurirracial, que privilegia padrões estéticos femininos como ideal de um maior grau de embranquecimento (desde a mulher mestiça até à branca)”. Ademais, a consolidação de um padrão de beleza e modelo romântico brancos dificulta também que as mulheres negras desenvolvam o amor-próprio e vejam em si mesmas qualidades que as permitam se reconhecer como merecedoras de afeto e cuidado.

Em “Beijo na face”, temos uma protagonista que, ao compartilhar a afetividade e a sexualidade com outra pessoa reafirma em si mesma o merecimento e a dignidade desse amor. Isto é, o amor que Salinda estende à companheira é o mesmo que retorna a ela, na forma de autoamor. Assim, “[p]or um repetir constante do *eu te amo*, declaração feita, muitas vezes, em voz silenciosa, audível somente para dentro, fazendo com que o eco dessa fala se expandisse no interior mesmo do próprio declarante” (EVARISTO, 20146 p. 52), amar a outra significa, ao mesmo tempo, amar para dentro, amar a si mesma.

Dessa forma, é através do afeto e do desejo compartilhado entre duas mulheres negras – que se colocam à disposição uma da outra para satisfazer, reciprocamente, seus prazeres – que o corpo negro feminino é dignificado. Mais do que isso, é dignificado o corpo negro feminino desviante das normatizações dos gêneros, isto é, aquele corpo que subverte a premissa do *continuum* sexo-gênero-sexualidade (BUTLER, 2019). Com isso, a personagem de Evaristo nos permite refletir, conjuntamente às questões de gênero e raça, sobre a desnaturalização da heterossexualidade como destino de todas as mulheres, endossando as múltiplas possibilidades de expressar e experimentar as sexualidades e as afetividades.

O corpo negro feminino foi, historicamente, confinado à servidão, à punição física e à exploração sexual, com isso, o sentimento amoroso e a sexualidade foram negados às mulheres negras, fazendo com que elas fossem abandonadas às margens do mercado afetivo. Se para as mulheres negras o amor é lugar de interdito, para as mulheres negras cujas sexualidades subvertem os modelos vigentes heteronormativos, esse lugar é de completa ausência.

Como nos ensina Lélia Gonzalez, o lugar no qual está localizada a mulher negra define a forma como ela interpreta a dupla discriminação racial e de gênero. A autora declara: “Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a

mulher negra em particular” (GONZÁLEZ, 1984, p. 224). Assim como o sexismo e o racismo são experimentados de diferentes formas e em diferentes níveis de intensidade pelas mulheres negras em relação às mulheres brancas e aos homens negros, também a LGBT+fobia terá uma configuração diferente quando enfrentada pela mulher negra. “A lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe” (ANZALDÚA, 2000, p. 229).

A invisibilidade da mulher negra lésbica no mundo branco heterossexual, a que Glória Anzaldúa se refere, se estende, pois, à literatura. Pensar essa invisibilidade implica pensar sobre o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado enquanto sistemas de opressão que estruturam a sociedade e forjam identidades. Implica pensar, ainda, a concepção de uma feminilidade branca heterossexual enquanto norma a partir da qual se institui a noção do que significa ser “mulher”. Tais construções abarcam a academia, as produções literárias e todas as estruturas sociais de um modo geral. Nesse sentido, “Beijo na face” promove uma desestabilização dessas noções, trazendo uma narrativa contra hegemônica, na qual uma identidade marginalizada desloca-se para o protagonismo e traz, para o centro do debate, a sua história, a validade do seu amor e a sua postura resoluta e insubmissa.

3 (Re) existências lesboafetivas e subversão à heteronorma

No conto, Salinda tem, pois, que aprender a amar em silêncio: “No princípio, a aprendizagem lhe custara muito. Acostumada ao amor em que tudo ou quase tudo pode ser gritado, exibido aos quatro ventos [...] viver silente tamanha emoção era como deglutir a própria boca, repleta de fala, desejosa de contar as glórias amorosas” (EVARISTO, 2016, p. 52). Aqui, percebemos que a personagem está consciente não apenas das perigosas consequências misóginas que envolvem a descoberta de um caso amoroso extraconjugal, como, sobretudo, da opressão a qual estão sujeitos os relacionamentos que desobedecem à norma vigente. Isto é, os relacionamentos homoafetivos. Enquanto o amor heteronormativo ocupa um lugar central no imaginário social, sendo encarado com tal naturalidade que nem precisa ser nomeado; para o relacionamento homoafetivo, a exposição é um privilégio não concedido.

Nesse sentido, Eve Kosofsky Sedgwick (2007, p. 26) concebe a noção do armário enquanto “[a] estrutura definidora da opressão gay no século XX”. O armário, para muitas pessoas gays, é uma característica basilar da vida social. E por mais assumida ou acolhida que

seja em seus círculos de convivência específicos, a pessoa gay vive sempre sob a constante tensão da onipresença do armário, sendo obrigada a se reorganizar, a cada novo relacionamento e ambiente, nas palavras de Sedwick (2007, p. 22), “em novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição”. Nesse sentido, o armário constitui um mecanismo de regulamentação da vida social de pessoas LGBTQIA+s, representando a permanente ameaça da revelação e suas consequências violentas nas esferas pública e privada.

Como vemos em “Beijo na face”, o armário pode implicar em uma vida dupla, repleta de segredos, cautela e incansável vigilância. Tais características também aprisionam e produzem efeitos devastadores para a saúde mental e social da pessoa que se encontra no armário. “Viver no armário” influencia diretamente na constituição identitária. Atuar nas relações sociais, se privar de demonstrações de afeto em público, omitir a sua própria história e evitar lugares e eventos específicos é se comprometer com a manutenção de uma ordem social que despreza a sua existência (SEDGWICK, 2007). O medo que alimenta o esforço da constante atuação é corrosivo. A experiência (e a possibilidade) da injúria, da humilhação, da agressão e da interdição é o oxigênio do silêncio e da omissão.

Sedgwick (2007) afirma que o armário é também o instrumento pelo qual as pessoas heterossexuais garantem os seus privilégios, sendo responsável por manter a ordem heterossexista, através de suas instituições e mecanismos, a saber, o casamento tradicional e as desigualdades de gêneros advindas das distinções entre os sexos. Dessa forma, o armário diz respeito não apenas às pessoas que são obrigadas a esconder as suas vidas afetivas em um espaço público esmagadoramente heterossexual, mas também àqueles que logram o privilégio de experimentar os seus afetos e desejos publicamente.

A heterossexualidade, no contexto da sociedade patriarcal, é entendida como norma atinente à concepção de gênero, estando, portanto, ligada às relações de poder e hierarquia que envolvem os sujeitos femininos e masculinos. De acordo com Butler (2019), a relação binária e a diferenciação entre os gêneros são reguladas por meio da naturalização de práticas heterossexuais. Wittig (2006, p. 52) chama a atenção para o caráter opressor e universalizante do pensamento heterossexual. Segundo a autora, a diferença entre os sexos, o desejo, o gozo, a cultura, a linguagem, bem como a realidade social, estão submetidos à interpretação totalizante da heterossexualidade. Como consequência, o pensamento

heterossexual é incapaz de conceber uma sociedade na qual todas as relações humanas não sejam determinadas pela heterossexualidade.

Apesar de estar presa em um casamento heterossexual fracassado e vivendo concomitantemente um relacionamento amoroso com outra mulher, Salinda é apresentada como uma personagem que já se envolveu, no passado, em outro relacionamento heterossexual consensual. Não é possível, portanto, afirmar que estamos tratando de uma mulher lésbica, haja vista que a bissexualidade constitui uma identidade sistematicamente invisibilizada no cerne das relações sociais de gênero. O que nos interessa de fato são as vivências negras femininas homoafetivas. Sejam elas experimentadas por mulheres lésbicas ou bissexuais, trata-se de vivências desautorizadas, e, portanto, transgressoras, insubmissas. Vivências que, ao romper com os paradigmas hegemônicos, enunciam outro modo de existir.

A constante vigilância a qual Salinda é submetida representa não apenas o controle exercido pelo marido no contexto da violência psicológica, no âmbito doméstico, como também o controle social exercido sobre a sexualidade feminina, que visa regular e submeter os corpos às diretrizes da heteronormatividade, impossibilitando a autogerência de seus próprios desejos. Nas palavras da narradora, o controle exercido sobre Salinda pelo marido resumia-se da seguinte forma: “Era como se ele buscasse retardar um encontro com a verdade” (EVARISTO, 2016, p. 53). Nesse sentido, Adrienne Rich (2010, p. 19) nos convida a lançar um olhar para a heterossexualidade a fim de entendê-la enquanto uma instituição política que retira o poder das mulheres. Para Rich, ela conduz a um apagamento da existência lésbica tanto no plano feminista como, de modo mais abrangente, nas relações sociais de gênero. A autora denuncia o conservadorismo crescente como embargo da experiência e liberdade femininas, pois

[a]s mensagens da Nova Direita dirigidas às mulheres têm sido, precisamente, as de que nós somos parte da propriedade emocional e sexual dos homens e que a autonomia e a igualdade das mulheres ameaçam a família, a religião e o Estado. As instituições nas quais as mulheres são tradicionalmente controladas – a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear, a heterossexualidade compulsória – têm sido fortalecidas através da legislação, como um *fiat* religioso, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura. (RICH, 2010, p. 19)

Segundo o pensamento de Rich (2010, p. 21), a heterossexualidade compulsória viabiliza a percepção da experiência lésbica através “[d]e uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível”. Ao explicar as formas do poder masculino sobre as mulheres, a autora retoma as características propostas por Kathleen Gough³, a fim de apresentá-las não apenas como meios que produzem desigualdade sexual, mas também como propriedades que reforçam a heterossexualidade. Alguns dos meios pelos quais esse poder masculino é manifestado incluem, dentre outras: a capacidade dos homens para negar a sexualidade das mulheres ou forçá-las a isso; e a habilidade em controlá-las e roubá-las de suas crianças.

Tais características são ilustradas (e denunciadas) de forma precisa em “Beijo na face”. Primeiro, através das intimidações e ameaças de morte que o marido realiza contra Salinda, como forma de punição pelo adultério. Depois – quando confirmado o adultério e o relacionamento lesboafetivo – através da penalidade que ele impõe a ela: o risco de perder a guarda dos filhos; nos termos de Rich (2010, p. 24), o risco da “apreensão legal dos filhos de mães lésbicas pelos juizados”. De um modo geral, no que diz respeito à característica do poder masculino de coerção das mulheres à sexualidade dominante, percebemos no conto uma crítica à heterossexualidade compulsória, bem como à “idealização do romance heterossexual na arte, na literatura, na mídia, na propaganda etc.” (RICH, 2010, p. 24).

As formas hegemônicas de se conceber os gêneros e a sexualidade têm endossado a visão de que o casamento e a orientação sexual das mulheres se encontram restritos ao campo heteronormativo, e ainda, que constituem um destino inato e inevitável a todas as mulheres. Tal concepção não apenas naturaliza a opressão feminina (bem como o descontentamento) dentro de um relacionamento heterocentrado, como promove a deslegitimação e a rejeição dos relacionamentos entre mulheres.

O pensamento misógino, coaduno a essa visão heteronormativa, propicia que a mulher lésbica, ou a mulher bissexual em um relacionamento homoafetivo, sofra a opressão tanto por divergirem do papel de feminilidade destinado a elas pelas imposições do gênero, quanto por concederem o seu afeto a pessoas que, como elas, são considerados sujeitos inferiores. A

³ GOUGH, Kathleen. The Origin of the Family. In: REITER, Rayna (Ed.). **Toward an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press, 1975. p. 60-70.

repreensão dessas mulheres quanto aos seus prazeres configura, em certa medida, uma forma de condenação ao relacionamento afetivo-sexual que prescinde de homens.

Uma vez que o marcador de gênero é responsável por “humanizar” os corpos – sendo o gênero construído em torno do sexo – e tendo em vista que a categoria do sexo percebe a capacidade reprodutiva, e, portanto, a heterossexualidade, como marca natural e definidora da experiência de ser mulher, o corpo lésbico é considerado abjeto, pois constitui a negação fálica total. É, portanto, um corpo subversivo. A lesbianidade é, nesse sentido, a principal afronta ao patriarcado (BUTLER, 2019). Adrienne Rich aponta que o maior medo do patriarcado é que “[a]s mulheres sejam ou se tornem totalmente indiferentes aos homens, os quais, de necessários, passem a ser contingentes. Ou seja, que elas não aceitem como incontornável a heterossexualidade” (SWAIN, 2010, p. 50). Ou seja, que elas não aceitem como incontornável a heterossexualidade” (SWAIN, 2010, p. 50).

Quando o relacionamento lesboafetivo ocorre entre duas mulheres negras, a opressão tem uma dimensão tripla, visto que a mulher negra não está dedicando o seu afeto somente a um gênero inferior, mas a uma identidade que é – na intersecção de gênero, raça e sexualidade – assim como ela, considerada um ser desprezível.

Em “Beijo na face”, Conceição Evaristo promove um rompimento com esses discursos hegemônicos, desestabilizando os paradigmas no campo da diversidade sexual e de gênero. A representação do relacionamento amoroso entre duas mulheres negras é feita com grande habilidade estética, de modo a legitimar e enaltecer as vivências negras homoafetivas. O lirismo presente nas imagens de afeto e desejo compartilhados traz grande organicidade à construção desse amor desautorizado, como podemos ver na imagem dos “restos da asa amarela” da borboleta, que simboliza a vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, a delicadeza e beleza daquele amor que almeja voar, almeja ser livre; e também, na descrição da “felicidade servida a contagotas” e no próprio título do conto “beijo na face”, que nos remete ao recolhimento, à reserva e, ao mesmo tempo, à coragem, por ser um ato de resistência; e ainda, na imagem dos “dedos-desejos”, das “aves-fêmeas”, metáforas criadas para ilustrar, com grande poeticidade, a atração, o prazer, bem como a profundidade, a intensidade, a força e a ousadia do sentimento.

Ao longo do ato de desfazer as malas, Salinda recorda-se da viagem a Chã de Alegria. Era na casa de sua tia Vandu que se encontrava com a amada: “Jogou algumas roupas no

tanque; outras, ainda úmidas do desejo que brincava nos corpos amantes; para essas, ela inventou um esconderijo. Queria a preservação do tesouro, que as peças mofassem sob a ação do tempo íntimo de sua esperança” (EVARISTO, 2016, p. 54). Nesta passagem, a experiência sexual entre mulheres negras é metaforizada também como uma forma de resistência. A expressão do desejo manifesta-se, ainda que de forma sutil, através da postura resoluta da protagonista, que resguarda e afirma o seu afeto perante a opressão sofrida – não apenas no âmbito doméstico como também social – no simples ato de conservar um símbolo do seu relacionamento amoroso, com a expectativa de quem persiste.

Vale a pena ressaltar, ainda, a representação da solidariedade entre as mulheres negras no conto, na qual podemos observar a cumplicidade entre as mulheres da família, que concedem apoio instrumental e emocional umas as outras. É o caso da relação de Salinda com a filha mais velha: “A mais velha, menina se maturando mulher, olhou Salinda nos olhos e sorriu. Ela recolheu o sorriso da filha e percebeu na atitude da menina uma possível cumplicidade, que esperançosamente guardou e aguardou poder realizar um dia” (EVARISTO, 2016, p. 55). E ainda da relação entre Salinda e tia Vandu: “Tia Vandu, em Chã de Alegria, foi a única pessoa que adivinhou o sofrimento de Salinda, acolheu seu segredo e se tornou cúmplice [...] Tia Vandu era guardiã do novo e secreto amor de Salinda” (EVARISTO, 2016, p. 53).

Poderíamos identificar, em todos esses casos, o *continuum* lesbiano proposto por Adrienne Rich, nas relações de amizade e companheirismo que subvertem as relações hegemônicas da heterossexualidade. As relações lesbianas são definidas por Rich como o conjunto de experiências relativas ao ser mulher e às relações afetivas, não necessariamente sexuais, entre mulheres, o que inclui relações de amizade e partilha de interesses.

A casa da tia era o refúgio de Salinda, o único lugar onde, longe da vigilância do marido, lhe era possível vivenciar o amor não permitido: “De noite, depois das crianças, desconhecendo o que se passava com a mãe, dormirem, Salinda, no quarto destinado a ela, podia se dar, receber, se ter e ser para ela mesma e para mais alguém.” (EVARISTO, 2016, p. 53). Podemos perceber, não apenas nesta passagem e na anterior, como em toda a narrativa, o caráter subversivo e libertário presente na expressão da afetividade e sexualidade entre mulheres. O erótico é reconstruído no conto de modo a rejeitar a visão perversa e comercial relativa à experiência sexual lésbica. Dessa forma, o texto constrói uma perspectiva livre do reduto da

fetichização masculina bem como do apagamento, condenação ou exotização do relacionamento homoafetivo entre mulheres negras.

Grande parte dos sentidos presentes na narrativa são construídos através de metáforas. No decorrer da espera pelo marido, Salinda é incessantemente tomada por lembranças. As memórias ásperas das violências praticadas pelo marido se misturam à doçura das imagens de amor vivenciadas com a parceira. Em certo momento, sua mente é invadida pela recordação de um passeio que fizera com os filhos ao circo, quando estava em Chã de Alegria, visitando a tia. Salinda estava muito entusiasmada, ansiava pelo número do equilibrista, seu momento favorito do espetáculo era a acrobacia na corda bamba. Não por acaso, temos, nesta passagem, uma poderosa metáfora da trajetória de Salinda:

Salinda vigiou os passos cambaleantes da moça tentando se aprumar sobre um tão fino e quase imperceptível fio. Ela sabia que, qualquer passo em falso, a mulher estaria chamando a morte. Por um momento pediu para que tudo se rompesse. [...] Levantou-se acompanhando com gosto o jogo da dançarina na fugaz linha da vida. A Mulher cambaleava, titubeava no espaço. Ia cair? Recuperou-se em seguida, com um passo-gesto redondo, próprio e justo, no fino fio estendido sob seus pés. O público aplaudiu. [...] Salinda saiu vitoriosa do circo. (EVARISTO, 2016, p. 56)

A tensa acrobacia da bailarina sobre o fio – entre a dança e a queda, entre a encenação e a morte, na qual o espetáculo é a própria incerteza – é uma representação da vida de Salinda, uma vida na corda bamba – entre a felicidade e a violência, entre a liberdade e o cárcere, entre o amor e a ameaça, na qual o amor é o próprio interdito. Quando Salinda deseja que tudo se rompa, ela não se refere ao número da equilibrista, mas sim à sua jornada, à sua “fugaz linha da vida”, também cambaleante, também insegura. Salinda deseja que se rompam os segredos, a tensão de uma vida sob constante vigilância e de um amor cruelmente censurado.

A comparação das personagens a aves – como vemos em: “As crianças acordaram ao som da *ave-mãe* que não estava presa na gaiola.” (EVARISTO, 2016, p. 55, grifo nosso) e na imagem das amantes como “*aves fêmeas*, ousadas mergulhadoras na própria profundidade” (EVARISTO, 2016, p. 57, grifo nosso) – revela como os sentidos da liberdade e do aprisionamento estão entrelaçados no enredo. Quando estão juntas, Salinda e sua

companheira são livres, ainda que não possam, como gostariam, expor publicamente a grandeza de seu sentimento.

Após quase um dia inteiro de silêncio, o marido de Salinda liga, anunciando que já sabe de tudo. Salinda recebe o golpe de cabeça erguida, o fio no qual se equilibrara por tanto tempo finalmente se rompe: “Disse [...] que não queria vê-la nunca mais, mas era bom ela ir se preparando para uma guerra. Não ia matá-la. Não ia cometer suicídio. Mas ia disputar ferrenhamente os filhos. Ele queria os filhos, todos.” (EVARISTO, 2016, p. 57). Em um misto de alívio e solidão, Salinda encontra a força que precisa ao reconhecer a amada em si mesma:

Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. E, no lugar de sua face, viu a da outra. Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de *dreads* a lhes enfeitar a cabeça. (EVARISTO, 2016, p. 57)

Grada Kilomba (2019, p. 127) nos ajuda a compreender como o cabelo constitui um elemento significativo no processo de construção e afirmação identitária das mulheres negras, tendo tornado-se o mais importante instrumento da consciência política entre os (as) africanos (as) na diáspora. Dessa forma, o uso de *dreads*, demarcado na descrição das personagens, remete a um poder ancestral. “Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou ‘black’ e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam a posição de mulheres *negras* em relação a ‘raça’, gênero e beleza” (KILOMBA, 2019, p. 127). Salinda se lembra do beijo na face, e, encontrando no próprio reflexo semelhanças com a amada, para além da fisionomia, encontra também a pulsão de um amor que é, antes de tudo, um gesto de insubmissão.

4 Considerações finais

Ao longo da tradição canônica literária brasileira, a imagem da mulher foi construída sob o signo da heterossexualidade, de modo que não se encontrava representações não deturpadas e não fetichizadas de outras vivências sexuais, que não a heterossexual. Desse modo, formas de vida não heterossexuais não possuíam espaço para existir, bem como para

serem representadas, uma vez que eram (e ainda são) tomadas como uma ameaça à manutenção do sistema de gênero. A concepção de uma feminilidade branca heteronormativa regulamentou e instituiu a noção do que significa ser “mulher”, colocando a mulher negra lésbica em um lugar de completa ausência.

À vista disso, “Beijo na face” subverte o cânone, desestabilizando estereótipos impostos pelo falocentrismo e diversificando as fronteiras de gênero, sexualidade, raça e etnia. Ao deslocar uma identidade triplamente oprimida, da invisibilidade para o protagonismo, a narrativa de Evaristo não apenas apresenta novas formas de amar como também positiva e legitima um amor desautorizado social e historicamente, o amor entre duas mulheres negras, um amor que é também um ato político e de resistência, pois promove profundas fissuras no sistema social racista e heterossexista.

A representação da relação amorosa entre Salina e sua amada, em “Beijo na face”, é marcada por grande sensibilidade lírica e, sobretudo, por um olhar contra hegemônico, que reafirma as múltiplas possibilidades de se viver as sexualidades e as afetividades, desestabilizando a noção da heterossexualidade como destino biológico para todas as mulheres. Ademais, Conceição Evaristo desconstrói a noção de que o amor, para as mulheres negras, é lugar de interdito.

A afetividade e a sexualidade, negadas historicamente às mulheres negras, são reapropriadas e narradas no conto segundo a visão de uma mulher negra que, ao vivenciar o amor e o prazer com outra mulher, também negra, reafirma em si mesma o merecimento e a dignidade desse amor. Amar sua igual significa, ao mesmo tempo, amar a si mesma.

O amor de Salinda e sua companheira é um gesto de insubmissão não apenas por ser um gesto de autoamor, mas porque resiste à matriz de opressão colonial, porque rejeita, ao mesmo tempo, a dominação brancocêntrica e heteronormativa e porque ousa desconstruir os discursos hegemônicos alicerçados no falocentrismo. O amor entre mulheres negras é, pois, um ato revolucionário.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300008>

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. *In*: RATTI, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006. p. 126-129.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, n. 5, p. 17-44, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>

SWAIN, Tânia Navarro. Desfazendo o "natural": a heterossexualidade compulsória e o *continuum* lésbico. **Bagoas**, n. 05, p. 45-55, 2010.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Barcelona, Madrid: Egales, 2006.

Recebido em: 02.06.2021

Aprovado em: 20.03.2022